

In memoriam – Dr. Carlos Manuel Teixeira Soares de Sousa (3 de Julho de 1935 – 8 de Março de 2010)

Homenagem escrita a duas mãos...
Por Freire Soares e João Araújo Correia

É muito difícil resumir em breves palavras um homem multifacetado e raro, como era o Dr. Carlos Soares de Sousa. Resolvemos fazê-lo em conjunto, na vã tentativa de conseguirmos ser mais justos, sem esquecermos o essencial, desta personalidade única, que perdurará como exemplo para todos os que o conheceram.

Licenciou-se em Medicina em Janeiro de 1963 e parte para Angola, no cumprimento do serviço militar obrigatório, onde fica até 1965. Num louvor que lhe é atribuído, pode ler-se: "...actuação escrupulosamente honesta, inteligente e dedicadíssima...". É bem apropriado dizer, que a sua postura no exercício da profissão médica, não se alterou desde o primeiro momento até ao fim da sua vida.

Em Fevereiro de 1966 iniciou o seu percurso como Médico no Hospital de Santo António (HSA) do Porto. Conquistou a sua progressão profissional decorrente do mérito do seu desempenho técnico – profissional de excelência: Internista em 1971, Especialista de Medicina Interna em 1975, Chefe de Serviço desde 1981, Director de Serviço de Medicina Interna de 1989 até 1995, ano em que se aposentou. Durante os trinta anos de serviço no HSA, foi Coordenador Geral da Biblioteca e Director do *Boletim do Hospital*, publicação prestigiada e de elevado valor científico, que infelizmente não resistiu à saída do seu criador. Entre 1974 e 1978, fez parte da Direcção Médica, primeiro liderada pelo Dr. Albino Aroso e depois pelo Dr. Luís de Carvalho.

Foi um Internista brilhante, apaixonado pela Medicina, como instrumento capaz de explicar a dança dos sintomas e sinais, às vezes ordenados em doenças conhecidas e outras talvez a precisarem de serem descobertas. Mas, para além da doença, havia também a pessoa humana, que reage sempre de forma diferente e que obriga o Médico a adaptar-se, a tolerar e a compreender. Dedicou particular interesse, traduzido em várias publicações e apresentações em Congressos Nacionais e Internacionais, às patologias relaciona-

das com os distúrbios dos linfócitos B, em especial o Mieloma Múltiplo. Era também um convidado muito querido do Professor Freitas da Costa, nos Cursos de Pneumologia do Hospital Santa Maria, onde assumia o papel de comentador pleno dos Casos Clínicos.

Internista militante envolveu-se activamente no ressurgimento da nossa SPMI e sua dinamização, vindo a desempenhar as funções de maior responsabilidade nos respectivos Órgãos Sociais, talvez, mais uma vez inspirado, no verso de Miguel Torga que com frequência citava: "em qualquer aventura o mais importante é partir, não é chegar". Hoje todos reconheceremos que a nossa Sociedade "partiu". Esteve na SPMI desde a sua reestruturação em 1983, integrando a Direcção da Sociedade a partir de 1991, vindo a ser eleito como Presidente em Maio de 2000, por um período de dois anos. O seu amor pelas letras, leva-o a assumir o cargo de Director da Revista Medicina Interna, de Abril de 2001 a Dezembro de 2003, conferindo-lhe a exigência da perfeição, como aliás fazia em tudo o que fosse impresso, pelo pânico do erro ou da *gralha*, que a publicação dá foros de eternidade.

Participou activamente no lançamento do ensino pré-graduado no HGSA, integrando o Grupo de Trabalho criado para o efeito. Entre 1972 e 1998, exerceu funções docentes, na Escola de Enfermagem Dona Ana Guedes. Desde 1979 a 1995 foi Professor Auxiliar Convidado de Semiologia e Propedêutica da Licenciatura de Medicina do ICBAS.

Como Orientador de formação no nível pós-graduado – Internato Geral e de Especialidade, e pedagogo a nível pré-graduado na fase clínica da Licenciatura de Medicina do ICBAS, era incontornável a sua marca de moderação, quase paternal, que os alunos se habituaram a reconhecer.

Para além do médico e do homem de fino trato e ética irrepreensível, há que lembrar o intelectual multifacetado. Sem remosques de importância, de forma quase humilde, éramos surpreendidos quando a propósito de qualquer coisa falava de cinema, de pintura, de arquitectura ou de literatura. Nada lhe escapava e nós ficávamos a perguntar-nos como era

possível ter aquela memória de tudo o que vale a pena lembrar.

Sonhos repentinos e paixões (quase sempre efémeros), não o determinavam; antes preferia o projecto maturado, retocado a lápis de artista com traços de intemporalidade, transportando para a prática do quotidiano um sentido estético próprio e peculiar na sua forma de fazer.

Exemplo de disponibilidade e solidariedade comprometida com todos os seus colaboradores, dinamizador de trabalho interessado e empenhado por todos os que integravam a sua equipa de trabalho, sempre presente ao longo das diferentes tarefas assistenciais, sempre preocupado em disponibilizar o seu apoio, marcando a sua presença e intervenção, no lugar e no tempo para abordar as mais variadas situações da Medicina e da Vida, na consolidação de valores que não deixaram de moldar a personalidade de todos que com ele privaram mais de perto.

Os Internistas que ajudou a formar, muitos dos quais pontificam hoje no panorama da Medicina Interna, quicá todos o guardarão como uma das referências mais relevantes, não só da Medicina Interna, mas também das suas próprias vidas.

Este é o nosso testemunho do Médico, do Internista, mas também do Homem que suportou a sua individualidade: exemplo modelar no trilhar contínuo e irrenunciável, na coerência de princípios, nem sempre fáceis de nos fidelizarmos, mas sempre de gratificantes consequências para a História dos homens. ■